

CAURIENSIA, Vol. VII (2012) 89-99, ISSN: 1886-4945

LA MELANCOLÍA EN LA PRIMEIRA Y SEGUNDA CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS DE AMATO LUSITANO

ANA ALEXANDRA MACEDO LIMA
Universidade do Porto

RESUMEN

Se ha llevado a cabo un estudio introductorio al tema de la melancolía en la obra de Amato Lusitano, sobre todo de la *Primeira* y *Segunda Centúrias* de las siete que componen la obra *Curationum Medicinalium Centuriae Septem*, intentando definir la práctica clínica del autor, los principios sobre que se fundamenta y la influencia que otros autores y su filiación judía imprimiram à la obra.

Palabras clave: Melancolia, Medicina, Judaísmo.

ABSTRACT

An introductory study to the theme of melancholy in the work of Amato Lusitano was done, especially from the *Primeira* and *Segunda Centúrias* from the seven that compose the work *Curationum Medicinalium Centuriae Septem*, trying to draw the picture of the author's clinical practice and the guiding principles on which it is based as well as the influence that other authors and his own Jewish affiliation brought to his work.

Key words: Melancholy, Medicine, Judaism

I. DA ESTRUTURA QUE O AUTOR ADOTA NA CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS¹

Da *Primeira à Sétima Centúria*, são apresentadas, por *Centúria*, cem Curas, ou casos, ao jeito de caderno de campo, seguindo a prática clínica do autor. Exclui-se, portanto, uma divisão temática das Curas ou outra de qualquer índole. É de salientar a minúcia da exposição do historial clínico do doente para efeitos de diagnóstico, a partir da descrição das suas características, nomeadamente, do seu temperamento², de acordo com a teoria dos quatro humores, na forma final que assume com os ensinamentos de Galeno, “o maior defensor da verdadeira medicina”³. Para além do quadro sintomatológico, o clínico deverá recolher informações relativas ao género⁴, idade, robustez física, profissão ou condição social (do patricio ao proxeneta⁵), especificidades culturais ou religiosas⁶, região e tempo, informando, com precisão, do contexto do indivíduo⁷. Estabelecido o diagnóstico, é descrita a terapêutica a implementar, com o acompanhamento do clínico. Escreve Amato: “Na medicina, em geral, há três aspetos em que e por que se realiza a cura, a saber: o médico, o doente e a própria doença”⁸. A doença manifestar-se-á em quatro momentos universais (início, crescimento, estado e declínio⁹), particulares no que concerne aos

1 Foram primeiras edições da *Primeira e Segunda Centúrias*, respetivamente: *Curationum Medicinalium: Centuria Prima*, Florença, Lorenzo Torrentino, 1551 (a obra conheceu onze edições), e *Curationum Medicinalium: Centuria Secunda*, Veneza, Vincenzo Valgrasi (Giovanni Griffio), 1552 (a obra conheceu dez edições). Fundamentamo-nos na tradução de Firmino Crespo: AMATO LUSITANO, *Centúrias de Curas Mediciniais*, 2 vols., Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2010.

2 “Se alguém deseja curar como deve ser, é necessário que primeiramente diagnostique o temperamento do doente, depois a própria doença e tudo o que lhe respeita (...)” (Cura LXXXI da *Primeira Centúria*). Atente-se, por exemplo, na Cura II da *Primeira Centúria*, que assim principia: “A esposa do capitão genovês Gaspar, belga, na pujança da vida, obesa, de temperamento sanguíneo, vivendo deliciosamente, sempre acostumada a boa mesa, sem lhe faltar o vinho, começou a sofrer de dores cólicas”.

3 Cura III da *Primeira Centúria*.

4 A preparação de remédios depende, quanto ao cálculo das proporções dos ingredientes, do género dos doentes, na medida em que, ilustrando, “as crianças, mulheres, os eunucos e todos os que são dotados de carne mole, não suportam a frialdade veementemente e, por isso, não se lhes aplica o vinagre à vontade”. Cura XXXIV da *Primeira Centúria*.

5 Ainda que ao médico cumpra atender à opulência ou pobreza do doente na preparação dos medicamentos, explica, na Cura XXII da *Segunda Centúria*.

6 Assim, por exemplo, o hebreu Salafantino, incapacitado da prática do ato sexual mercê da “fraqueza dos membros genitais”, a quem prescreve uma dieta com muito peixe, escusando-se aos proibidos pela religião do doente, de acordo com as leis da *Kashrut*. Cura XVIII da *Segunda Centúria*.

7 “Ter-se-á em consideração o costume, a idade, a natureza, a região e o tempo”. Cura III da *Primeira Centúria*.

8 Dedicatória da *Primeira Centúria*.

9 I. RODRIGUES, *Amato Lusitano e as problemáticas sexuais, algumas contribuições para uma perspetiva de análise das Centúrias de Curas Mediciniais*, UTAD, 2005.

paroxismos. A experiência do médico é um fator determinante, pois ele é um profissional dos sentidos (*artifex sensualis*), avaliando a doença desde que o doente declare sentir mau funcionamento orgânico e “considerando as coisas em latitude e não restritamente”. Contará, por isso, os dias completos desde o espoletar da doença, para melhor antecipar os sinais da crise, atendendo às indicações dos dias decisivos (laudáveis e não-laudáveis), bem como à categoria da doença (biliosa, sanguínea, pituitosa ou melancólica; aguda, em grau diverso, ou crónica), o seu costume (moderada, branda ou perniciosa e maligna) e modo de evacuação próprio.

Maioritariamente, à apresentação da Cura segue-se o comentário (*scholia*), em que as teorias dos autores, clássicos e modernos, são confrontadas criticamente. Três momentos, portanto: descrição, terapêutica e explicação/discussão¹⁰. A exposição dos casos é feita com grande rigor e objetividade, escusando-se o autor a julgamentos religiosos ou morais desnecessários. Assim nos narra o caso de Maria Pacheca, uma rapariga da Esgueira, perto de Coimbra, fidalga, que, chegada à puberdade se tornara varão: “desta forma transitou de mulher ao sexo masculino, vestiu fato de homem e foi batizada com o nome de Manuel. Foi à Índia, tornou-se famoso e rico, e, ao voltar à pátria, casou”¹¹. Incontestável também será o valor das conclusões seguidas de experiências sobre as que advêm da mera especulação, assim se construindo o conhecimento verdadeiro neste ramo do saber.

II. DA APLICAÇÃO DA TEORIA HUMORAL AO TRATAMENTO DA MELANCOLIA

Em rigorosa observância aos ensinamentos de Galeno, Amato Lusitano desenvolve a prática clínica na complexa trama da descodificação dos humores e sua sintomatologia, articulando dietas segundo as qualidades dos alimentos, decoctos, purgas e sangrias, de forma a restabelecer o equilíbrio humoral no organismo, suprimindo, desta feita, a doença (entendida, grosso modo, como desequilíbrio). Esta conceção articula os quatro elementos (ar, água, fogo e terra), os quatro humores (sangue, linfa, bílis amarela e bílis negra), os quatro temperamentos decorrentes da predominância de um humor (sanguíneo, fleumático ou pituitoso, bilioso e melancólico) e as quatro qualidades do mundo físico (calor, secura, frio e humidade), de acordo com as suas afinidades.

10 J. J. ALVES DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra, séculos XVI e XVII*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2011.

11 Cura XXXIX da *Segunda Centúria*.

Conforme explica Miguel Ángel González Manjarrés¹², o sistema fisiológico de Galeno assenta numa conceção teleológica, segundo a tradição hipocrático-aristotélica, em que o corpo humano e suas partes, “das mais sólidas às mais subtis”, se formam e ordenam a partir das quatro qualidades primárias referidas¹³. O homem, na sua estrutura, integra três partes fundamentais: “a vegetativa ou natural, com sede no fígado; a sensitiva ou vital, com sede no coração; a intelectual ou animal, com sede no cérebro”¹⁴. O funcionamento deste sistema depende ainda de outros elementos: “virtudes, faculdades, espíritos, calor inato e humidade radical”. Quando se produz uma alteração no organismo que impeça o correto desempenho de cada parte, segundo as suas capacidades próprias, o indivíduo cai em estado de malignidade.

Da bílis negra ou atrábilis (*atra*, uma das duas espécies de bílis, para além da *flava* ou bílis amarela), formada no baço, se origina a melancolia. Dos indivíduos em que este humor predomine se diz que possuem temperamento melancólico. Na definição do temperamento do indivíduo interfere também o clima, segundo a classificação dos sete climas, entendidos numa dimensão espacial, assente na divisão do globo terrestre em paralelos, prévia às apertações possibilitadas pelas Descobertas¹⁵. Sobre o mal ou doença da melancolia (porque resultante de um desequilíbrio humoral acidental), a Cura XXXIV da *Primeira Centúria* apresenta-nos a esposa de Sarcinato que, após dar à luz e não tendo “purgado bem da menstruação”, caiu, ao sétimo dia, em transtorno de melancolia, com dor na região anterior da cabeça e em volta do sítio do coração. Falava pouco e não se mexia. Teve, todavia, surtos de febre e tomou-se de tal grande perturbação que, a dado momento, os da casa acharam por bem recorrer a religiosos cristãos, como se estivesse acometida por um “mau espírito”. Amato, que por este motivo desistira da cura, conclui, algo laconicamente: “Deste modo a deixámos mentecapta e furibunda”.

A Cura XXXIV apresenta ainda uma definição da melancolia, a partir das palavras de Paulo Egineta. Escreve Amato: “A melancolia é uma alienação mental sem febre, proveniente sobretudo do humor melancólico, que tenha ocupado a sede da razão (mente); esta é dupla, ou pela essência, isto é, adoecendo o cérebro por si próprio, ou por comunidade ou consenso (*consensus*¹⁶), mas por outro lado é flatulenta, chamada hipocondríaca, vindo por inflamação

12 M. Á. GONZÁLEZ, “Las virtudes naturales principales”, en *Medicina y Filología. Estudios de Léxico Médico Latino en la Edad Media*, Porto, Fidem, 2010, 87-104.

13 Sobre as diferenças entre o pensamento de Galeno e de Aristóteles, veja-se A. PICHOT, “Introduction”, en *Galien – oeuvres médicales choisies*, vol. I, Paris, Gallimard, 1994.

14 M. Á. GONZÁLEZ, “Las virtudes”, *o. c.*

15 I. RODRIGUES, *Amato Lusitano*, *o. c.*

16 Veja-se A. PICHOT, “Introduction”, *o. c.*, sobre a relação das partes do corpo entre si.

das vísceras em volta do estômago, que se deve enumerar entre as que se dão por consenso¹⁷". Explica ainda, noutra passagem: "logo de começo, aceita tratamento fácil, mas ao contrário quando se torna antiga"¹⁸. Note-se a exposição de casos de melancolia durante a gestação e na sequência do parto, constituindo esta última uma primeira narrativa da depressão pós-parto na literatura médica europeia, afirma Isilda Rodrigues. No que concerne a este tipo de melancolia, sublinhe-se que a sua origem reside, defende Amato, na retenção da menstruação, como se reafirma nas Curas XXXI da *Primeira Centúria* e LXXXVII da *Quinta Centúria*.

Da melancolia difere a mania ou loucura que "provém da bile amarela ou tostada". Escreve, na Cura XXXV da *Primeira Centúria*: "A mania e a melancolia não diferem só nas causas, mas também nos sintomas. Com efeito, os loucos de mania proveniente de combustão da bile amarela, são arrebatados, barulhentos, atrevidos e agressivos; os melancólicos, provenientes da bile negra, visto que o humor negro é frígido, são tímidos, receosos de tudo, tristes, gostando antes da solidão e evitando a conversação dos homens, como diz Homero e o nosso Galeno confirma, acerca do melancólico Bellerefonte, desta maneira: "Qui miser in campis errabat solus Alaeis. Corque suum peredens, hominum et vestigia vitans"¹⁹.

No universo dos loucos biliosos insere-se a Cura LVII da *Segunda Centúria*, em que Amato regista o caso de um moço hebreu, de temperamento bilioso, "com tendência para a atrabile", caído em loucura, com prejuízo de duas faculdades corrompidas pela doença: a imaginação e a razão. Em certas Curas, os termos mania e melancolia surgem associados, talvez indiciando doença bipolar, segundo a mesma autora²⁰. Na Cura LXIV da *Segunda Centúria* refere-se um militar de Florença, trazido "louco e amarrado com cadeias", que padecia, ao tempo da sua observação, de melancolia. Sobre esta temática, Amato aconselha a leitura de Al-Razi, "um escritor digno de confiança entre os restantes

17 Um caso de melancolia hipocondríaca ou *flatuosa* é descrito na Cura LIV da *Quarta Centúria*.

18 Cura XLIV da *Sexta Centúria*.

19 "Desgraçado que vagabundava só nos campos de Ala, devorando o seu coração e fugindo dos vestígios do homem".

20 Isilda Rodrigues dá como exemplo a Cura XXXVII da *Sétima Centúria*, que descreve o caso da esposa do Rabi Sanctes que, para além da muita tristeza, era acometida por acessos de "fome desmedida". Explica Amato: "Esta doença, que merecidamente se designa de melancolia, é complicada por apetite canino". A Cura LXVII da *Segunda Centúria*, "Da mania proveniente de oclusão de chaga", é algo ambígua na utilização dos termos *mania* e *melancolia*, sendo que o indivíduo se revela, afinal, melancólico, em virtude da atrabilis lhe ter atacado o *ânimo* ou *temperamento do cérebro*. Nesta Cura, Amato precisa, seguindo Hipócrates, das situações que derivam da atrabilis: melancolia, quando é atacado o *espírito* ou *temperamento*, ou "contaminadas as conexões do cérebro", *mal comicial* ou epilepsia, quando é atacado o "corpo do cérebro", sendo fechados "os seus meatos".

árabes (os mauritanos), pois sempre fala conforme o pensamento de Galeno e dos gregos”. Já dos ataques de “alienação mental” sobrevividos da melancolia, discorre Amato na Cura LXVI da *Segunda Centúria*, onde elucida o caso do procurador Pedro de Treviso que sofria de “perda de juízo”, sem febre, “proveniente do sangue melancólico quando afeta todo o organismo, com lesão do cérebro”. A este doente foi prescrito um exuberante tratamento. Desde logo, a sangria por meio do uso de sanguessugas, conforme aconselhava Hipócrates, mas também os banhos de água “fervida com cabeças de carneiros gordos” a que se adicionavam sementes de sésamo e camomila, folhas de sene e fumária. “A isto há a juntar que o sono era conciliado de uma vez e apareciam-lhe coisas com que se fartava de rir”. Como que não “sobressaísse das suas extravagantes cogitações”, foi necessário reformular a terapêutica com pílulas de lápis-lazúli e outras estratégias.

Nas demais *Centúrias*, cuja análise deixaremos para outra oportunidade, são ilustradas situações de interesse no âmbito da psicologia. Amato narra, por exemplo, o padecimento físico causado pelo sentimento de pesar, decorrente de choque emocional violento. Assim se lê, na Cura I da *Sétima Centúria*, a propósito de Dona Belida, caída em tristeza e melancolia, após sofrer um delíquio, provocado por uma má notícia²¹. Assinala ainda a predisposição para os estados melancólicos, como acontecia com os hebreus, pelas perseguições a que estavam sujeitos, mas não só. Escreve, a propósito da Cura de Azariah de Mântua: “quase todos os hebreus estão, por sua natureza, sujeitos à atrabiles, o que calculo provir especialmente de causas várias. Primeiro, por serem cativos, são portanto, tímidos e tristonhos. (...). Depois, porque todos são muito zelosos e dedicados à lei de Deus. Daqui resulta que os hebreus costumam alimentar-se de comidas atrabiliosas, principalmente os italianos (...)”²².

A Cura relativa ao judeu Azariah é de particular relevância no pormenor linguístico com que a sintomatologia melancólica é apresentada: estado angustioso, aperto ou ânsias no coração, vigília difícil, “arrotos sobrevenientes, lágrimas e suspiros”, mercê da agitação do humor que se torna mais tênue e transforma em fumos atros. “Estes, retidos no estômago e no coração, desalojam-se por meio de suspiros e arrotos, tanto como a outra porção do mesmo humor que, subindo à cabeça, passa ao canto dos olhos e compartimentos próximos deles”, daí resultando as lágrimas, bem como uma maior quantidade de urina. Nesta Cura, Amato distingue diversas espécies de atrabilis (diferenciando a bÍlis negra natural da atrabilis propriamente dita): duas espécies naturais ou de

21 “Em virtude da tristeza os *espÍritos* dissipam-se e daqui se segue a perda dos sentidos (delÍquo)”.

22 Cura XLII da *Quarta Centúria*.

melancolia natural (que pode atacar os hipocôndrios ou o invólucro do coração) e várias de atrabilis não-natural, sendo que uma destas variantes (a 2ª espécie não-natural, a mais perniciosa e maligna) se origina no assamento bÍlis flava, de onde se gera a mania, “com sintomas ferinos”²³.

Finalmente mencione-se a semelhança da melancolia e do mal ou doença de amor, ao nível da sintomatologia, não da etiologia. Ao invés da destemperança humoral, encontramos, na origem desta maleita, a ânsia pelo ser amado. A Cura LVI da *Terceira Centúria* é ilustrativa de um amor que descamba em loucura. Evitaremos alongar-nos no tema, até porque era, porventura, pertinente esclarecer e problematizar uma vasta terminologia que se estende do *furor erótico*, à lascívia e ao *comportamento licencioso* (atreitos a sanguíneos e biliosos, mais propensos aos ardores humorais) ou ao amor melancólico, entre outros eventuais estados. Salientamos, no entanto, um elemento da investigação de Michal-Altbauer Rudnik, que consiste no reconhecimento de um estado melancólico simultâneo ao despontar da paixão amorosa, no âmbito dos autores da medicina judaica²⁴. Rudnik recupera também a ideia de uma inclinação melancólica dos hebreus, sublinhada por Amato, a partir da obra de outro autor português, o médico seiscentista Isaac Cardoso, autor da *Philosophia Libera*. Seriam, quiçá, os de credo mosaico menos propensos ao riso, dado o seu temperamento predominante, por oposição aos de temperamento bilioso e sanguíneo. A Cura XXIV da *Sétima Centúria* discute a localização da sede do riso, defendendo Amato a sua vinculação ao cérebro. Nesta passagem, o autor argumenta sob a forma de diálogo, contrapondo as doutrinas de Aristóteles, Hipócrates e Plínio, e estabelecendo considerações em torno das qualidades e funções dos órgãos, numa abordagem que, de resto, lhe é comum.

Concluindo, a percepção dos fenómenos psíquicos como resultantes do adocimento do cérebro por “impulso das matérias à cabeça”, com prejuízo da razão, surge condicionada pelo regulamento orgânico, perturbável por causas exteriores, como a alimentação, o clima e o costume, mas também associado a outros transtornos, como a gravidez ou o parto. Este adocimento, no caso da melancolia, é tratado em função do efeito gerado pelo excesso de atrabilis (aliviado mediante a realização de purgas, sangrias, mas também da prescrição de remédios e de uma dieta alimentar de acordo com as qualidades dos alimentos para estes casos). O estado melancólico difere do temperamento melancólico, pela sua natureza patológica, podendo ocorrer em indivíduos de outros tempe-

23 Inclui esta Cura uma referência (discordante) à obra médica de Maimónides, o “Rabino Moisés”.

24 M. ALTBAUER-RUDNIK, *Prescribing love: Italian jewish physicians writing on lovesickness in the sixteenth and seventeenth centuries*, disponível online no European Forum at the Hebrew University: <http://www.ef.huji.ac.il/publications/Altbauer.pdf>, 35.

ramentos (estes, por sua vez, indicadores de características psicológicas), como descrito na Cura XXXV da *Primeira Centúria*.

III. CONSIDERAÇÕES À OBRA DE AMATO LUSITANO

Amato Lusitano nasce em Castelo Branco, entre 17 de Agosto de 1510 e 15 de Agosto de 1511, com o nome cristão de João Rodrigues, no seio de uma família de cristãos-novos. Por volta de 1525, deixa Portugal para ingressar na Universidade de Salamanca, onde concluirá o curso de medicina, em 1532. A sua longa carreira médica levou-o ao encontro de figuras como Erasmo ou Juan Luís Vives, de quem dá notícia na Cura XCIX da *Primeira Centúria*. Escritas e publicadas em momentos e geografias diversas, as *Centúrias* constituem uma cartografia peculiar do percurso deste médico ilustre.

Ao sabor das aragens de tolerância, Amato Lusitano transita da Europa do Norte para a do Sul, partindo para Ferrara, entre 1541 e 1542. Será precisamente em Itália que, segundo João José Alves Dias, adotará, entre 1546 e 1549, o nome de *Amatus*, termo italiano para Amato, cujo significado é incerto, não sendo de excluir que assinale o início do seu processo de conversão ao Judaísmo. Neste sentido, a Dedicatória a Joseph Nasi da *Quinta Centúria*, com indicação única da data segundo o calendário hebraico, no ano da Criação do Mundo de 5320 (1560), revela a possível conclusão do mesmo. A interdição imposta aos médicos judeus do exercício da medicina, desde 1555, constitui uma profunda viragem na vida do clínico que, até à data, se encontrava em Ancona. Entre 1557 e 1558/59, está em Ragusa, mas é em Salónica, onde escreve o seu Juramento, que encontra a morte, vindo a falecer de peste, no ano de 1568, junto dos irmãos de exílio: “Os seus amigos vão chorá-lo”, escreveu Diogo Pires, dileto amigo e colega.

A primeira dissertação de doutoramento sobre Amato Lusitano (UTAD, 2005), da autoria de Isilda Teixeira Rodrigues, incide no tratamento das perturbações sexuais²⁵ a partir das *Centúrias de Curas Medicinai*s, o assunto mais abordado na obra, depois das febres. Defende a autora que a inclusão destas temáticas no foro clínico terá, porventura, feito de Amato um pioneiro a nível europeu. De igual modo, não deixa de notar a riqueza da obra, que se entretetece em dois tempos, nas suas muitas *encruzilhadas*, o da *vanguarda* e o da *reta-*

25 A autora confere um sentido lato à designação, englobando as situações de hermafroditismo e indefinição sexual, mas também os transtornos provocados pela gravidez, aspetos do desenvolvimento do feto, parto, aborto (com destaque para o contributo de Amato para o conhecimento da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor feminino) e doenças contagiosas, nomeadamente a gonorreia e a sífilis ou *morbo gálico*.

guarda, ora justapostos ora sobrepostos. Assim, se por um lado nos é dado a conhecer um clínico inquieto, sequioso de saber e presença assídua em dissecações e doudas discussões, por outro, somos confrontados com a inserção de narrativas sobre criaturas monstruosas, exibidas em feiras ou mortas à nascença, como as que a filha de João Gualierútio gerara: “em lugar do feto, deu à luz quatro animais semelhantes a rãs e ficou bem de saúde”²⁶. Conciliando inconciliáveis, Amato é também o homem de ciência que “descobriu, enquanto professor em Ferrara, a importância das válvulas venosas através da inspeção da veia ázigos, sendo assim precursor das bases do sistema de circulação”²⁷. Concebeu também, quando em Ragusa, um aparelho para a deformidade do palato ou fenda palatina, cujos detalhes descreve na Cura XIV da *Quinta Centúria*.

Na diacronia longa do saber que as *Centúrias* evocam, destaque-se a prevalência absoluta de Galeno, seguido de Hipócrates, mas também de Avicena, este último tomado dos ensinamentos de Lorenzo Alderete, responsável pelo primeiro anfiteatro anatómico surgido em Espanha²⁸, a quem Amato se refere como o seu “muito lembrado mestre em Salamanca”. O legado de Salamanca permanecerá uma constante da sua obra. Quanto à filiação de Amato Lusitano a Galeno, é de nosso entender que a mesma justificaria uma análise cuidada e sistemática das *Centúrias*, de forma a compreender a relação que estabelece com os ensinamentos médicos e a conceção antropológica galénica. O cotejamento destes elementos no texto de Amato permitiria ainda averiguar das aportações de outros autores, em continuidade ou rutura com Galeno, um Galeno traduzido e sucessivamente comentado, note-se. A partir daqui, o estudo comparativo com a obra dos congéneres hebreus permitiria aclarar o espectro de influência da medicina judaica no autor, em função do que esta consistia à época e considerando o horizonte dos médicos de origem cristã-nova²⁹.

No estudo preliminar que realizámos, relativo às duas primeiras *Centúrias*, não é conclusiva a presença do Judaísmo no delinear da prática clínica de Amato³⁰. A herança dos fundamentos hipocrático-galénicos enforma a prática da medicina medieval, incluindo os autores judeus, que a receberam dos

26 Cura XXVII da *Primeira Centúria*. Na mesma Cura, todavia, explica a configuração interna do útero (*matriz*), a partir de observação direta por meio da dissecação de cadáveres.

27 J. J. ALVES DIAS, *Amato Lusitano, o. c.* Veja-se a Cura LXX da *Quinta Centúria*, onde refere o anatomista André Vesálio, Fuchs e Bartolomeu Eustáquio. Veja-se também a Cura LII da *Primeira Centúria*.

28 E. MONTERO, *Tipologia de la literatura médica latina – Antigüedad, Edad Media, Renacimiento*, Porto, FIDEM, 2010.

29 Sobre esta temática, veja-se, por exemplo, F. V. FRADE – S. N. SILVA, “Medicina e política em dois físicos judeus portugueses de Hamburgo: Rodrigo de Castro e o *Medicus Politicus* (1614) e Manuel Bocarro Rosales e o *Status Astrologicus* (1644)”, em *Sefarad*, vol. 71:1 (2001), 51-94.

30 Apesar da explicação em torno do número seteno, na Dedicatória da *Primeira Centúria*.

árabes, como assinala Mariano Gómez Aranda³¹. Este investigador destaca a estreita relação entre ciência e interpretação de textos religiosos no pensamento judaico, aspeto que não encontrámos evidente em Amato. O autor demonstra, todavia, conhecer o hebraico: “(...) o texto hebraico de Avicena tem à letra as citadas palavras de Galeno, e que eu deliberadamente omito para não me ser objetado que eu apresentara nesta obra quatro termos hebraicos para ostentação”³². Isilda Rodrigues refere ainda aspetos da censura inquisitorial à obra de Amato (acostumado aos *Índices* de livros proibidos) e um caso, em particular, de natureza religiosa, relativo à Cura XXXVI da *Quarta Centúria*, da edição de Lyon (1580), na qual este aludiria a fontes da tradição rabinica que foram rasuradas do texto³³.

A formação clássica e humanista de Amato Lusitano confere às *Centúrias* um toque de ecletismo em que o leitor que procure a trilha propriamente judaica do seu pensamento poderá perder-se na profusão de obras e referências, por vezes, desconcertantes, como a menção ao escrito de Galatino contra os hebreus, que considera ser *excelente e cheio de erudição*³⁴. Com efeito, este singular comentário dilui-se no conjunto de uma obra que atesta um percurso biográfico claramente dirigido a uma vivência plena e assumida do Judaísmo, no encaço dos itinerários da Diáspora Sefardita³⁵. João José Lopes Dias destaca, no entanto, a linguagem distante de Amato quando se refere aos de *nação*, bem como a base católica dos seus primeiros textos. Será “deliberado”? Atendamos aos escritos posteriores de um outro judeu português, Imanuel Aboab (c.1555-1628), nomeadamente, à *Carta a um amigo em La Bastide*, publicada por Cecil Roth. No documento, Aboab manifesta a sua indignação para com os conversos que, longe de Portugal e de Espanha, tardam em regressar à verdadeira fé, persistindo na duplicidade de credos ou no alheamento religioso, como “perros adormecidos”³⁶. Onde encaixar Amato? Isilda Rodrigues insiste na caracterização do autor como homem de ciência que abandona Portugal em busca de mais vibrantes horizontes. João José Alves Dias afirma que o seu sen-

31 M. GÓMEZ, *Sefarad científica: Ibn Ezra, Maimónides y Zacuto. La visión judía de la ciencia en la Edad Media*, Madrid, Nivola, 2003.

32 Cura XXXIV da *Primeira Centúria*.

33 Segundo a autora, tratar-se-ia do Alfabeto de Ben Sira, cf. I. RODRIGUES, *Amato Lusitano*, o. c. 194. Esta fonte é também referida e comentada por Rodrigo de Castro (Ben Sira 38), cf. F. V. FRADE – S. N. SILVA, “Medicina”, o. c. 74.

34 Cura XLII da *Quarta Centúria*.

35 Veja-se a análise de J. J. ALVES DIAS, *Amato Lusitano*, o. c.

36 IMANUEL ABOAB, *Carta que escrivio de levante el Ilustrissimo Señor Haham Imanuel Aboab a un Amigo suyo a la Bastida en Francia...*, publicada por C. ROTH, en “Immanuel Aboab’s proselytization of the marranos. From an unpublished letter”, en *The Jewish Quarterly Review*, 23 (1932), 121-162.

tir “estava acima de qualquer prática religiosa”. Esta é também a impressão que guardámos da obra, pela dimensão de universalidade que comporta. Os olhos de Amato percorrem mundo e esse cosmopolitismo está presente na forma como redige as *Centúrias*.

Importa, por último, mencionar o trabalho de Michal Altbauer-Rudnik que, seguindo uma perspectiva de análise *de dentro* do Judaísmo, contrasta a temática do *mal de amor* na obra médica de quatro autores, três dos quais de origem portuguesa: Amato Lusitano (n. Castelo Branco), Elias Montalto (n. Castelo Branco), Jacob Zahalon e Zacuto Lusitano (n. Lisboa)³⁷. Desde logo, é estabelecido o criptojudaísmo da família de Amato. Porém, deste posicionamento não decorre uma substancial diferença na análise à obra do autor, quanto à matriz judaica, face ao que expusemos. A autora alicerça-se nos escritos de Baruch de Castro (1597 – 1684), filho de Rodrigo de Castro, a partir da obra de David Ruderman³⁸, defendendo que “os escritos médicos dos três clínicos judeus que [Baruch de Castro] considera serem verdadeiramente ‘hebreus’ [Amato, Montalto e Zacuto] caracterizam-se por uma divisão marcada entre as suas identidades, judaica e profissional, mesmo quando a filiação hebraica permanece evidente noutros aspetos da sua vida”³⁹. Poderão, então, o homem (no devir da sua judeidade) e o médico (de formação marcadamente clássica e devedora do saber recebido em Salamanca) representar dois níveis de leitura no que se refere a Amato e à sua obra? Nesse caso, que interseções entre eles nos é lícito engendrar?

37 M. ALTBAUER-RUDNIK, *Prescribing, o. c.*

38 D. RUDERMAN – M. IDEL, *Jewish Thought and Scientific Discovery in Early Modern Europe*, Detroit, Wayne State University Press, 2001, 305 e 306.

39 *Ib.*, 73.